

MINISTÉRIO DO INTERIO

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO

BOLETIM DO MUSEU DO INDIO

RIO DE JANEIRO — BRASIL

ANTROPOLOGIA

Nº 7

DEZEMBRO, 1977

OS INDIOS TUCUNA

Curt Nimuendaju

RESUMO

Publica-se pela primeira vez o relatório da viagem de Curt Nimuendaju aos índios Tukuna em novembro de 1929. Os originais pertencem ao acervo do Centro de Documentação Etnológica do Museu do Índio e cobrem as seguintes áreas de informação: nome, território e número; constituição física; caráter e moral; organização social; festa da puberdade; religião e mitologia; moradia, artefatos e produção; relações com os civilizados; língua. Os originais tem 11 páginas datilografadas com correções manuscritas do autor.

Introdução

No prefácio à edição brasileira de "Os Apinayê", de Curt Nimuendaju, Eduardo Galvão lembra que aquela era "a primeira monografia desse cientista a ser publicada em português. Resgata-se assim uma dvida de longa data"... Galvão acrescenta que Nimuendaju "deixou cerca de 50 trabalhos, publicados em alemão, inglês e português. Nesta língua apenas alguns artigos, sendo praticamente nula a divulgação de suas principais obras. Além desses estudos deixou uma sêrie de manuscritos inéditos, atualmente em poder do Museu Nacional, aguardando publicação". (Galvão in Nimuendaju, 1956: VII-VIII).

Robert Lowie, editor das monografias de Nimuendaju sobre os Apinayê, Sherente, Timbira e Tukuna, informa que as restrições impostas no Brasil, durante a guerra, ao uso da língua alemã, obrigou o etnólogo a escrever em língua nacional. Explica-se, assim, o fato de estarem em português os originais dos Apinayê (edição do Museu Goeldi, citada acima), dos Tukuna (traduzida para o inglês por Hohenthal, edição de 1952) e dos Timbira (traduzida por Lowie para a edição

ção de 1946 e cujos originais, em português, encontram-se no Museu Nacional). Sabe-se também que os originais de Nimuendaju apresentam acentuadas diferenças em relação aos textos traduzidos e impressos após a editoração de Lowie. Esta seria mais uma razão para a edição brasileira dessas monografias e de outros trabalhos de Nimuendaju que continuam inéditos ou inacessíveis, em edições há muito esgotadas.

Em cerca de 40 anos de trabalho entre os índios Nimuendaju manteve contatos frequentes e estreitos com o Serviço de Proteção aos Índios e, por diversas vezes, trabalhou para o órgão. Vários departamentos ou inspetorias regionais do SPI guardavam relatórios e outros materiais de sua autoria. Em 1950 Métraux publicou o relatório de uma viagem de inspeção feita ao alto rio Negro: *Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés, Relatório Apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios do Amazonas e Acre, 1927*. Os originais desse relatório encontram-se hoje no Centro de Documentação Etnológica do Museu do Índio. É provável que os arquivos das inspetorias do SPI do Nordeste, de Cuiabá, Goiás e Sul do Brasil, que somente agora comecem a ser classificados e microfilmados pelo Centro de Documentação, abriguem outros inéditos de Nimuendaju.

O que escreveu, entretanto, sobre os índios do Maranhão, área em que mais trabalhou, foi irremediavelmente perdido com a destruição recente dos arquivos da antiga inspetoria do SPI de São Luís. Vale lembrar que, em 1967, os arquivos centrais do SPI foram também perdidos por um incêndio em Brasília. O que restou da documentação indígena de cunho oficial (período do SPI) foi recolhido ao Centro de Documentação Etnológica do Museu do Índio, que está sendo organizado com o apoio do Centro Nacional de Referência Cultural.

Com exceção dos Timbira, nenhum grupo indígena brasileiro mereceu maior atenção de Nimuendaju. Ele os visitou em 1929, 1941 e 1942, vindo a falecer entre eles durante uma quarta viagem, em dezembro de 1945. Sua bibliografia registra três textos publicados sobre esses índios e um relatório inédito, referente à primeira estada entre eles: *Os Índios Tucuna. Dados fornecidos à Inspeção do Serviço de Proteção aos Índios no Amazonas e Acre*. É o documento que aqui se publica.

Em novembro de 1929, Nimuendaju passou cerca de quinze dias entre os índios do Igarapé Preto, Igarapé do Caldeirão e do lago Cajari. Em *Besuch bei den Tukuna-Indianern* (1930) o texto do rela-

tório de 1929 é traduzido com modificações de detalhe e exclusão das seguintes partes: "constituição física", "caracter e moral", a descrição da festa da puberdade e a parte dedicada à língua. Em compensação, o texto alemão inclui o mito "Wík'čá, der Orion" por alguma razão não transcrito por Nimuendaju no relatório de 1929. Acompanha o texto em alemão um mapa da área visitada em 1929: curso dos igarapês Caldeirão e Preto, do lago e igarapé do Cajari, além da seção correspondente do Solimões, indicando os pontos de ocupação indígena e neo-brasileira.

Há uma aparente contradição entre os textos de 1929 e 1930 na descrição da área percorrida: o relatório de 1929 refere-se aos igarapês Preto e Belém, enquanto o texto de 1930 menciona os igarapês Preto e Caldeirão. O mapa que acompanha o texto em alemão esclarece que Caldeirão e Belém referem-se ao mesmo curso d'água que tem, em sua foz, o seringal Belém. O domínio exercido por esse estabelecimento sobre as terras, os recursos naturais e os habitantes da área acabou por impôr-se à própria nomenclatura geográfica. O mesmo ocorre com o igarapé Preto, controlado pelo seringal São Jerônimo. Nos primeiros textos de Nimuendaju o igarapé e o seringal tem nomes distintos; em *The Tukuna* (1952) o igarapé é referido indiferentemente

pelos dois termos e, finalmente, em Cardoso de Oliveira (1964) ambos, seringal e igarapé, são conhecidos como São Jerônimo.

Em relação à demografia e à distribuição espacial dos grupos Tukuna, o relatório de 1929 contém mais dados numéricos que as posteriores contribuições de Nimuendaju. No texto para o *Handbook* (1948) o autor não faz qualquer referência numérica à população Tukuna; na monografia de 1952, Nimuendaju relaciona e mapeia os vários grupos locais Tukuna ao longo do Solimões e de seus afluentes mas não fornece dados numéricos detalhados; no mesmo texto, avaliando o total de índios, em território brasileiro e além fronteira, limita-se a citar os totais de 1929. Os dados numéricos de 1929 sobre os vários grupos Tukuna não encontram correspondência nos demais textos de Nimuendaju sobre os mesmos índios que permita avaliar sua evolução demográfica.

A índole "mansa e pacífica, mesmo submissa" dos Tukuna, na frase de Nimuendaju, é o resultado necessário de um processo histórico de dominação sobre os índios, operado não só por seringalistas e outros segmentos da população mais diretamente vinculados à exploração dos indígenas, mas por titulares ou funcionários de instituições que, por lei, deveriam guar-

dá-los da expolição e da opressão. Cardoso de Oliveira transcreve em seu livro o documento de um juiz de direito da região em que este confessa, no caso de um índio levado à justiça, sua completa submissão aos interesses e desejos de um seringalista: "Será difícil encontrar um outro documento que assinale maior subserviência e falta de imparcialidade jurídica de uma autoridade governamental. É revelador do poder que ainda desfrutam os grandes seringalistas"...(1964: 116). Como se verá em lugar próprio, a ação indigenista oficial não desfigurava esse padrão geral de comprometimento. Não surpreende, portanto que, à falta de condições objetivas de resistir a uma sociedade unanimemente opressiva, os Tukuna a ela se ajustassem com aparente passividade. Os surtos messiânicos, ocorridos já antes da primeira viagem de Nimuendaju, mas aos quais não se refere no relatório de 1929, evidenciam além da aparência de uma índole mansa e pacífica, um profundo movimento de revitalização da cultura indígena e de resistência e oposição ao branco.

A "notável honestidade" das mulheres Tukuna, que Nimuendaju registra em 1929, não se concilia com a visão convencional e profundamente anti-indígena dos missionários. O padre Monteiro de Noronha, vigário geral do rio Negro, diz em meados do século XVIII que

"suas mulheres não têm compostura alguma" (1856:58). Para frei Fidelis de Alviano, que se encontrava entre os Tukuna à época da primeira viagem de Nimuendaju, "eles vivem em contínuas festas, em degradações tais que não encontram exemplo no mundo civilizado... e a esposa continua a dansar com o autor do crime que vitimou, um minuto antes, o seu esposo" (1944:19).

Nimuendaju faz o inventário dos poucos vícios Tukuna: embriaguez e uso infreqüente de fumo, além do hábito de mascar coca, provavelmente abandonado, de vez que este só é referido nas lendas. Embora esteja documentada suficientemente a presença da coca (ipadú) entre os grupos indígenas da região, os mitos transcritos por Nimuendaju não se referem à ela e sim ao paricá (episódio do demônio feminino Mačĩ, no ciclo mítico dos irmãos Dyaĩ e Ipi). De resto, o paricá é outra droga tradicionalmente presente no Solimões, Purus, Madeira e áreas circunvizinhas (cf. Cooper, 1949).

Em relação à organização social Nimuendaju anota em 1929 a existência de 19 ou mais clãs (Keá) que se reúnem em duas metades ("phratrias") exogâmicas. Em 1948 seu conhecimento ampliado sobre os Tukuna o leva a propor a existência de 15 clãs (sibs) com nomes vegetais, pertencentes a uma metade, e 21 clãs com nomes de pássaros, pertencentes à outra metade. Neste

texto, o autor reforça o caráter exogâmico das metades referindo-se a sanções físicas e sobrenaturais que pesam sobre os violadores dessa norma: "*The Tukuna maintain moiety exogamy with inflexibility and in 1941 punished violations with death. They regard incest as sin (against the goddess Taë,) making one insane*" (1948: 717).

O texto de 1952 acrescenta elementos novos ao que ficou dito sobre organização clânica, inclusive a suposição de que entre os Tukuna do Perú e da Bolívia possam existir clãs não representados no Brasil. Cardoso de Oliveira discute a significação da organização clânica entre os Tukuna, além de registrar entre eles a existência de sub-clãs (1964: 63-65).

A descrição da festa da puberdade, em 1929, é baseada em informações de terceiros. Talvez por esta razão tenha sido este item excluído do texto de 1930. Nos textos posteriores de Nimuendaju (1948 e 1952) o ritual é tratado extensamente.

Como foi dito anteriormente, Nimuendaju não incluiu no relatório o mito Wíkičca (Orion), presente nos textos de 1930 e 1952. No relatório de 1929 Nimuendaju transcreve o que considera o mais importante mito

do ciclo de mitos astrais, o dos irmãos Dyaí e Ipi. Na verdade, como parece claro mesmo nessa primeira versão da mitologia Tukuna, o mito de Dyaí e Ipi subdivide-se numa série de eventos ou episódios distintos. Este foi aliás o tratamento que lhe deu Nimuendaju em sua obra definitiva sobre os Tukuna (1952), distinguindo com sub-títulos os diversos eventos ou episódios. A versão original do mito, tal como aparece no texto de 1929, foi transmitida ao autor pelo "Capitão" Felix do Igarapé de Belém. Versões mais elaboradas ou divergentes dos episódios colhidos em 1929 foram, com estes, publicados por Nimuendaju, o que permite sua integral comparação. (1952:123-127).

Em 1929 anotava a pressão da sociedade regional e, especialmente, dos seringalistas contra os pagês Tukuna, por não admitirem competição ao poder que exerciam sobre os índios. Chegava-se a anunciar a desapareção dos pagês, afirmativa que Nimuendaju aconselha a por em dúvida. Na verdade os pagês, do mesmo modo que muitas das instituições fundamentais da cultura Tukuna, sobreviveram ao domínio branco e continuam atuantes à época das últimas viagens de Nimuendaju. Sobre a morte dos Xamãs acusados de feitiçaria entre os Tukuna, ver nova ocorrência registrada em 1942 por Nimuendaju (1948:722-23).

O "miserável dogma da metempsicose", por Nimuendaju em relação às crenças Tukuna sobre o destino da alma após a morte, é citação do *Diário de Viagem* de Ribeiro de Sampaio:

"São os Tecunas de hum natural preguiçoso. Na filosofia professão o miserável dogma da metempsicose, ou doutrina Pythagorica da transmigração das almas para outros corpos, ainda dos irracionais" (1825:68).

Em *The Tukuna* (1952) Nimuendaju surpreende-se com a estreita similitude das informações contidas nos textos de Monteiro de Noronha e Ribeiro de Sampaio e supôs, como explicação, que ambos tivessem tido o mesmo informante. A semelhança entre os dois textos o leva, aliás, a confundí-los, atribuindo a Ribeiro de Sampaio o *Roteiro da Viagem* do padre José Monteiro de Noronha, editado sem referência de autor pela Academia de Ciências de Lisboa em 1856.

Parece mais aceitável a hipótese de que o Ouvidor Sampaio tenha incorporado a seus escritos, sem menção de autoria, as informações do vigário geral do Rio Negro. Esta prática parece ter sido bastante usual no século XVIII - como se pode ver repetidamente nos

"empréstimos" tomados livremente por Alexandre Rodrigues Ferreira. De qualquer sorte, a cada informação segue-se uma réplica. Sobre as crenças Tukuna informava o vigário do Rio Negro:

"Estes (Tucuna) vivem persuadidos de que as almas se transmigram dos corpos humanos para os de irracionaes" (1856:58).

O "antigo costume" das mutilações da genitália entre os Tukuna foi tomada da informação do padre Monteiro de Noronha:

"Poucos dias depois de nascidos os filhos de hum e de outro sexo são circumcidados pelas mãis, que são as ministras desta operação. Aos do sexo viril cortão a extremidade do prepúcio, e a ligadura inferior, que o prende à fava; e as do outro sexo a excrescencia exterior, em cuja mais clara explicação seria menor o interesse da curiosidade, do que o prejuizo da modestia" (1856:58-59).

Ao ouvidor Ribeiro de Sampaio não escapa a natureza "judaica" da cerimônia:

"Adoptão o rito Judáico da circuncisão em hum, e outro sexo: sendo pela maior parte as mãis as ministras da operação, que celebrão com grandes festejos impondo os nomes aos circuncidados". - (1825:68).

Na parte final do relatório, Nimuendaju trata, com certa ênfase, das relações entre os Tukuna e a sociedade regional. São examinadas, em particular, as relações de subordinação dos índios aos seringalistas bem como o papel e as perspectivas de missionários e agentes do SPI. Em *The Tukuna* (1952) é descrito o modo brutal como os habitantes do Solimões dissolvem reuniões indígenas, especialmente as de caráter messiânico, que temem como rebelião contra seu domínio.

As observações de Nimuendaju sobre a visão etnocêntrica e preconceituosa dos missionários entre os Tukuna podem ser acrescidos da opinião de outro capuchinho contemporâneo, frei Fidelis de Alviano:

"Os índios Ticunas, Cocamas e Uitôtos (entre os quais vivo há 18 anos) são bons, de uma bondade natural, mas são ao mesmo tempo ruins e perigosos, porque filhos de Adão, e porque vivem desformecidos de todos os tesouros da civilização e da moral cristã. São bons, de uma bondade natural, de uma mansidão apática pela qual tudo eles dão, tudo

sofrem em silêncio, porém, fora disto, têm um instinto mau, ou melhor um sistema de vida mau, uma bagagem de instintos e convicções que são criminosas, que fazem do índio um ser perigoso" (1944: 19).

Não é mais favorável o retrato que Nimuen daju faz do agente local do SPI que evita o contato com indígenas, não interfere nas relações entre patrões e índios, explora - ele próprio - o trabalho indígena em sua propriedade e, naturalmente, goza de estima geral entre a população (nacional). No início da década de 1960 esse quadro de comprometimento pessoal ou de indiferença face à exploração dos índios não sofreu alteração substancial:

"Com relação ao SPI - criado para conjurar sua alienação - dele pouco podem os Tukuna esperar... com sua ação inspirada por uma ideologia indigenista particular, burocratizada nos termos em que é praticada e plena de preconceitos, bem pode o órgão protecionista ser considerado como possuidor de um tipo de falsa consciência". (Cardoso de Oliveira, 1964:125).

Do ponto de vista lingüístico o relatório ora divulgado constitui um documento valioso por representar a síntese das observações feitas por Curt Nimuendaju sobre a língua Tukuna. Dele podemos depreender que, desde a sua primeira estada entre aqueles índios, o autor havia captado todos os aspectos lingüísticos que seriam retomados e reelaborados em seus trabalhos posteriores.

Em 1929 Nimuendaju já questiona, por exemplo, a classificação de Rivet que interpretava o Tukuna como sendo da família lingüística Aruak e entrevê relações mais estreitas com a língua dos índios Yuri, língua já extinta na ocasião.

Retomado o problema da classificação em *The Tukuna* (1952), que já havia exposto brevemente no artigo preparado para o *Handbook* (1948), o autor discute de forma mais ampla dentro de critérios comparativos lexicais e estruturais. Propõe interpretar o Tukuna, pelo menos tentativamente, como língua isolada, posicionamento que na mais recente classificação das línguas indígenas brasileiras de Rodrigues é mantido (1971:4036).

Assim, embora sem privilegiar os aspectos lingüísticos, Nimuendaju, neste relatório de 1929, dá uma contribuição importante e reconhecidamente válida no estágio presente dos estudos classificatórios.

No âmbito lingüístico cabe ressaltar mais uma contribuição relevante do documento aqui reproduzido. O autor inclui no texto etnográfico uma amostra lexical, uma "*lista de palavras (extrahida de vocabulário mais extenso do autor)*" com 75 itens e reproduzida integralmente, em 1932, em *Idiomas Indígenas del Brasil* que já permite depreender estrutura e inventário fonéticos da língua.

O vocabulário incluído no relatório abrange alguns termos designativos de partes do corpo humano, da natureza, fauna e flora, bem como da cultura material, além de um paradigma de posse, os números, cores, alguns adjetivos e verbos. Esta lista está consideravelmente ampliada na publicação de 1932.

A grafia adotada em ambos os vocabulários é idêntica. Há pequenas diferenças na transcrição de um texto para outro, sobretudo com referência ao registro dos diacríticos, alguns provavelmente acréscimos ou correções do autor, na edição de 1932.

O texto de 1930 *Besuch bei den Tukuna-Indianern*, seguramente uma reelaboração do relatório, não reproduz as observações sobre a língua e tão pouco o vocabulário. Todavia, em breve nota de rodapé, o autor faz referência à grafia e pronúncia de alguns sons. Grafa ademais com 'o' alguns termos designativos dos keã que no relatório de 1929 são transcritos com 'a'; como por exemplo: 'onça' o'i ~ ã i.

Considerando a "reprodução fonética deficiente" (1952:156) dos registros anteriores a Nimuendaju, que haviam inclusive servido de base à classificação de Rivet, cumpre destacar a transcrição precisa e foneticamente minuciosa do autor e a importância da sua contribuição. O vocabulário e as considerações de cunho lingüístico inseridos no relatório de 1929 e reelaborados posteriormente representam, portanto, um marco decisivo para o conhecimento da língua Tukuna.

Carlos de Araujo Moreira Neto (*)

Charlotte Emmerich (**)

(*) Bolsista do CNPq, Coordenador do Centro de Documentação Etnológica, Museu do Índio.

(**) Setor Lingüístico do Museu Nacional, UFRJ, Bolsista do CNPq.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ALVIANO, Frei Fidelis de, Notas Etnográficas sobre os Ticunas do Alto Solimões in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Vol. 180, Rio de Janeiro, 1943, pp. 5-34.

ANONIMO, (Pe. José Monteiro de Noronha). *Roteiro da Viagem da Cidade do Pará até as últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro*. Collecção de Noticias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas. Tomo 6, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1856.

COOPER, John M. Stimulants and Narcotics in *Handbook of South American Indians*. Vol. 5, Smithsonian Institution, Washington, 1949.

NIMUENDAJU, Curt. Besuch bei den Tukuna - Indianern in *Ethnologischer Anzeiger*. Vol. 2, Part 2, Leipzig, 1930.

_____. *Idiomas Indígenas del Brasil*. Universidad Nacional de Tucumán, Tucumán, 1932.

_____. *Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupes*. Relatório Apresentado ao Serviço de Protecção aos Índios do Amazonas e Acre, 1927 in *Journal de la Societé des Americanistes de Paris*, n.s. vol. 39, Paris, 1950.

_____. The Tucuna in *Handbook of South American Indians*. Vol. 3, Smithsonian Institution, Washington, 1948.

_____. The Tucuna. University of California Press, Berkeley, 1952.

NIMUENDAJU, Curt. Os Apinayê. *Boletim do Museu Paraense
se Emilio Goeldi*, Tomo 12, Belém, 1956.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O índio e o mundo dos
brancos*. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1964.

RODRIGUES, Aryon D. Línguas Ameríndias do Brasil in
Grande Enciclopédia Delta Larousse. Vol.
9, Editora Delta, Rio de Janeiro, 1971.

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. *Diário da Viagem
que em visita e Correição das Povoações da Capita-
nia de São Jozê fez o Ouvidor e Intendente Geral da
Mesma..... no Anno de 1774 e 1775*. Typografia da
Academia, Lisboa, 1825.

OS ÍNDIOS TUCUNA

Nome, território, número: A tribo conhecida aos Brasileiros e Peruanos sob o nome de "Ticunas" chama-se em sua própria língua Tūkũnã (com accento uniforme em todas as tres syllabas). Habita em territorio brasileiro especialmente os pequenos afluentes da margem esquerda do Solimões, entre a fronteira e São Paulo de Olivença: o Igarapé Mariuçu (cerca de 120 cabeças), o Rio Tacana (200), o Igarapé de Belém (300), o Lago Cajary (80), o Igarapé Preto (300) e os dois Igarapês de Santa Rita (400); além destes logares existe esta tribo no alto Jacurapã, afluente da margem direita do baixo Içã (300), em ambas as margens e nas ilhas do Solimões até o Jundiatuba (400) e, espalhada, ainda mais abaixo e no próprio Içã. O número

dos Tukuna brasileiros passa portanto de 2.000. Além da fronteira onde habitam especialmente nos rios Atacuári e Amacayácu o seu número é talvez de uns 1.000, de maneira que o total da tribu vae a mais de 3.000 cabeças.

Comissionado pelo S.P.I. estive em Novembro de 1929⁽¹⁾, 16 dias entre os Tukuna estabelecidos nos igarapês Preto e Belém e no Lago Cajary. Vizitei mais um bom número de sitios desta tribu nas margens do Solimões e recebi durante a minha permanencia nos barracões Belém e São Jeronymo diariamente as visitas de famílias de indios.

Constituição physica: É gente de estatura média. Os traços physionomicos são grossieiros; rostos passavelmente bonitos são raros. A abertura dos olhos é frequentemente obliqua. O nariz é saliente, o vomer convexo e a ponta bem desenvolvida. As zygomas são largas e sa-

lientes, o prognathismo é sensível, o mento
 acha-se fracamente desenvolvido. Os lábios
 são bastante grossos, os dentes muitas vezes
 em mau estado. Os cabellos são grossos, lisos
 e pretos, na infância muitas vezes arruivados.
 A barba é fraca e muitas vezes falta por com-
 plete, mesmo em indivíduos idosos.

O estado sanitário parecia no Igarapé Preto excelente; doenças venereas são desconhecidas; malária só aparece em casos avulsos e é sempre adquirida fóra, no serviço da extracção de madeiras, no Javary. Impressão menos favorável causam os índios do Igarapé de Belém, provavelmente em parte em consequência do alcoolismo: São em geral mais fracos e de um aspecto um pouco degenerado; o purupurú preto do qual no Igarapé Preto só vi 2 ou 3 casos é no Igarapé de Belém muito comum.

Character e moral: O traço mais no-

tável no caráter destes índios é a sua indole mansa e pacífica, mesmo submissa. Não me consta terem elles jamais reagidos com violencias contra os numerosos abusos dos civilizados: a reacção delles consiste unicamente em se reptirem fóra do contacto com aquelles que não lhes convêm, "fugindo", como dizem os seus patrões, para as cabeceiras dos igarapés e os centros da terra firme onde não há probabilidade de serem mais molestados. Ainda hoje soffrem pacientemente a tutela dos donos de barracões que decidem ao seu belprazer sobre os destinos dos índios, espêzinhando, conciente ou inconcientemente as suas instituições religiosas e sociais.

Depois de dissipado o medo que o civilizado estranho lhes inspira são amáveis e hospitaleiros, mas sempre respeitadores e modestos em extremo: Nunca importunaram-me compe

didos. A sua honestidade é notável: experimentei-a por diversas vezes; no entanto os civilizados de Belém queixam-se de pequenos furtos commettidos pelos indios. Nunca notei leviandade no comportamento das moças e mulheres que são conhecidas pela sua fidelidade conjugal. Os mestiços são entre os Tukuna rarissimos. Só vi quatro indias prostitutas em Belém das quaes se serviam os indios trabalhadores do estabelecimento. Não mantinham relações com civilizados, e o seu comportamento não dava em vista.

O vício peor dos Tukuna, quasi o seu único é a embriaguez. Frequentemente fabricam em suas casas potes cheios de bebidas alcoolicas feitas de beijú de mandioca (payaua

rû), de macaxera (caiçúma) e de milho (chicha). Bebados, tornam-se insolentes e perigosos dando-se às vezes ferimentos mais ou menos graves nos conflictos que se estabelecem durante da intoxicação. Não são viciados no uso do tabaco: quasi sô se vê os fumar à noitinha. O uso de mascar coca parecem ter abandonado hoje, pois sô se referem a elle nas suas lendas.

Organisação social: A tribu Tukuna é composta de 19 (ou mais?) "Keã" (clans, parentellas), cada um por sua vez composto de grande número de familias. Estes Keã são divididos em dois partidos (phratrias) estritamente exogamicas; os filhos pertencem ao Keã paterno.

1 ^a . phratria:	2 ^a . phratria:
Nayĩ (Sauba)	Tāu (Tucano)
Āi (Onça)	Tuyuyu (Tujujū)
Āru (Auahy, arvore)	Aiwēru (Urúmūtum)
Nāi (Pau)	Kāurē (Japihy)
Tēma (Murity)	Nai (Arāra vermelho)
Čëë (Acapū)	Ñu/nā (Mutum fava)
Ē (Genipapo)	Barĩ (Japō)
	Kāwa (Maguary)
	Naūa (Socō)
	Ē/ča (Urubū rei)
	Dyawirū (Jaburū)
	Māyu (Mutum pinima)

Esta divisãõ e a resultante exogamia conservam mesmo os Tukuna jã mais civilizados das margens do Solimões, opondo a toda transgressãõ que a arbitrariedade dos seus tutores lhes queira impôr o argumento tenaz "Tupãna fica zangado".

Cada clan tem os seus nomes pessoais próprios e a sua pintura característica pela qual se distingue nos dias de festa.

Qualquer organização politica hoje não existe mais. São divididos em bandos conforme o seu habitat nos diversos igarapés. Estes bandos mantem entre si pouca comunicação e, às vezes, vivem mesmo em certa desconfiança uma contra a outra. Os seus patrões collocados em barracões na bocca dos igarapés habitados pelos indios, monopolizam todo contacto com elles e os determinam a seu criterio e interesse. Os actuaes "capitães" dos Tukuna são meros interpretes, pobres diabos condemnados a mentir aos seus compatriotas da tribu para agradar aos patrões, e a estes para se reconciliar com aquelles.

Festa da puberdade: A primeira menstruação a moça é reclusa num quartinho feito de palha na parede da casa paterna, depois levantam para ella uma especie de curral de paxiubas pintadas, tambem no interior da casa dentro do qual ella se demora invisivel aos demais até o dia da festa que a restitue ao convivio social como mulher feita. Nesta occasião ella se apresenta toda pintada de preto, com uma coroa de pennas da cauda do arãra na cabeça, o corpo coberto de pennas de tucano que pendem dos hombros em enfiadas, os braços e as pernas cingidas de ligas de algodão enfeitadas com pennas, muitos collares no pescoço e uma tanga de turury nos quadris. É esta festa composta de uma serie de actos symbolicos e significativos, notando-se especialmente o apparecimento de um número de dançadores mascarados representando

animaes e demonios. As mascaras são vestimen-
 tas completas de turury pintado, com medonhas
 carrancas pretas com grandes narizes, dentes
 arreganhados, orelhas gigantescas e olhos de
 pedacinhos de vidro. O demonio do vento, Ama
 aparece munido de um enorme phallo de meio
 metro de comprimento por 10 cm de diametro. Al-
 gumas destas mascaras carregam pequenos tambo-
 res pendurados em paus artisticamente esculpido em
 forma de peixes, jacarês e cobras estylizadas. A
 meia noite é demolido o curral e na manhã se-
 guinte arrancam todos os cabellos da moça, ha-
 vendo outra festa por ocasião do primeiro cor-
 te quando tiverem crescidos de novo. As ligas
 dos braços e das pernas são tiram quando a mo-
 ça vae para o poder do seu marido. Não entro
 em mais minuncias sobre estas cerimonias por-
 que não assisti a nenhuma pessoalmente. Este
 rito da puberdade conservam os Tukuna com a

mesma tenacidade com que insistem no cumprimento das leis da exogamia e no uso da sua lingua própria.

Os Tukuna admittem a polygamia: Vi um que tinha tres e diversos com duas mulheres. A grande superioridade numérica do sexo feminino nesta tribu favorece este costume.

Religião, pagés, enterro: Todos os indios com excepção de algumas criancinhas são baptizados catholicamente; nisto porem resume-se todo o seu christianismo. No seu intimo são hoje tão pagão quanto antes da descoberta. Como não assisti a nenhuma cerimonia religiosa delles as minhas observações sobre esta parte da sua civilização primitiva são inteiramente insufficientes. Parece-me que a sua religião se basea num cyclo de mythos astraes e na crença em demonios personificações da natureza da terra que habitam. Dos primei-

ros o mais importante é o *mytho dos irmãos Dyai e Ipi*:

Ñutapa, enfurecido contra sua esposa, estaqueou-a de pernas abertas expondo as suas partes genitae às mordeduras das cabas mas o Cancan livrou-a e para vingá-la mandou as cabas atacar a Ñutapa. Em consecuencia das picaduras dellas formou-se no joelho direito de Ñutapa uma enorme inchação da qual nasceram emfim dois meninos: Dyai e Ipi, e duas meninas: Aike e Muwaçe. Ñutapa, em forma de veado é morto e devorado pela onça. Dyai e Ipi fazem piranhas de madeira enchendo com ellas o igarapé que a onça costumava passar por cima de um pau. Esfregando esta ponte com a goma da ambauva para torna-la lisa, conseguiram que a onça escorregasse cahindo dentro do igarapé onde foi morta pelas piranhas. Da barriga do animal morto tiraram os restos de Ñuta-

pa e Dyai recompondo-os reanimou-os com um pontapé. Nutapa se levantou perguntando quanto tempo elle passara dormindo.

Dyai e Ipi foram ao matto e encontraram o demonio feminino Maci soccando pô de paricã e cantando os nomes dos irmãos. Desconfiados desta cantiga, os dois fizeram cobras, escorpiões e myriapodes ao pé de uma ambauva, prohibindo às folhas da arvore a voarem para junto de Maci quando esta as fosse chamar para fazer dellas cinza. Maci, indo finalmente em pessoa à arvore para buscar as folhas é morta pelos animaes venenosos. Dos ossos das pernas della os irmãos fizeram flautas, dando o resto do esqueleto aos diversos animaes para o mesmo fim.

Adeante encontraram os irmãos um bando de demonios Ukai que vinham chegando para sua casa para a refeição. Esperaram até

elles sahirem novamente ao matto e envenenaram a agua do pote com a cinza de um sapo. À tarde, voltando os Ukai com sede, foram logo ao pote beber, cahindo mortos um apos do outro com excepção do ultimo que desconfiando não bebeu e fugiu.

Havia então na matta uma mulher fugindo com a sua filhinha dos Ukai que tinham devorada a sua parentella toda. Ao atravessar um tirirical a menina chorou e não quiz ir mais adeante. A mãe della mandou-a então que fosse ter com Dyái. Este faz a menina trepar num umarizeiro onde ella se transformou numa fructa: por isso o seu nome é Tëcarĩui. De noite ella cantou, tomou a sua forma humana e veio à cama de Dyái para brincar com elle. Ipi ouvindo o riso della perguntou ao irmão quem era. "Ninguém, respondeu Dyái, o quiricã(pesado pau em forma de meia lua para pizar milho(deu uma

rizada porque fiz-lhe cocegas!" Então Ipi se levantou, foi buscar um quirica e deitou-se com elle fazendo-lhe cocegas, mas o pau não se ria. O mesmo insuccesso teve quando depois, querendo imitar o irmão foi buscar o coxo e mais tarde a vassoura. De manhã Tëčariui transformou-se outravez em fructa de umary cantando no galho da arvore os nomes dos dois irmãos. Ipi procurou debalde a pessoa que cantava, Dyaí porem foi ao matto caçar. A meio dia a fructa amadureceu e cahiu. Ipi procurou-a por toda a parte mas ella se escondeu. Varreu então o chão todo debaixo da fructeira mas nada encontrou. De noite porem ella veio outravez á cama de Dyaí: era já moça feita; não se ria mais e dormiu com Dyaí. Ao amanhecer este escondeu-a dentro da sua flauta e foi ao matto.

Ipi foi ao rio pescar tamoatás. Vol-
 tou com um paneiro cheio, fez fogo debaixo do
 forno e despejou os peixes nelle. Sobre o for-

no quente os tamoatás pulavam e dansavam e Ipi pulava e dansava ao redor. Então Těčariĩui vendo isto do seu esconderijo, deu uma risada. Immediatamente Ipi foi procura-la mas nada achou. Repetiu então a scena com os Tamoatá por duas vezes ainda e, finalmente, soprando na flauta, fez Těčariĩui sahir. Agarrou-a e cohabitou com ella ao ponto de lhe sahir o esperma pela bocca e pelo nariz. Depois quiz novamente introduzi-la na flauta, mas estando ella já prenhe não coube mais dentro della. Então Ipi ficou com medo do irmão: esfregou a massa branca do coco de tucum na glande para dar-se a apparencia de que ha tempos não havia cohabitado com ninguem, e foi assim ao encontro de Dyaĩ; este porem conheceu logo o que havia acontecido.

Chegou, pegou Těčariĩui e sacudindo-a fez nascer della o menino Čieki. Dyaĩ mandou

a Ipi que fosse buscar genipapo e obrigou-o a subir à arvore de cabeça para baixo para apanhar as fructas com os pés. Do alto da arvore Ipi gritou que estava vendo gente: eram os Cambeuas que desciam pelo Solimões de bobuia. Para maior castigo do irmão Dyaí fez nascer no tronco do genipapeiro uma enorme orelha de pau, mas Ipi conseguiu transpor o obstaculo transformado numa tocandira. Então Dyaí fez nascer ao pé da arvore uma moita de nanahy, Ipi porem deixou-se cahir transformado num floco de algodão e chegou ao chão illeso.

Mandou depois Dyaí que Ipi fosse ralar as fructas. Acabadas estas, Ipi quis parar mas Dyaí fe-lo continuar a ralar até que ralou as mãos, os braços e o corpo todo ficando misturado com a massa do genipapo. Dyaí pintou com a tinta o menino Čieki, deitou o resto da massa no rio e fez sobre ella um curral para a

~~Carta Nimuenda-ju.~~

OS INDIOS TUCUNA .



Nome, territorio, numero: A tribo conhecida aos Brasileiros e Peruanos sob o nome de "Tucunas" chama-se em sua propria lingua Tukunã (com accento uniforme em todas as tres syllabas). Habita em territorio brasileiro especialmente os pequenos afluentes da margem esquerda do Solimões, entre a fronteira e São Paulo de Olivença: o Igarapé Mariuçu (cerca de 120 cabeças), o Rio Tacaba (200), o Igarapé de Belém (300), o Lago Cajary (80), o Igarapé Preto (300) e os dois Igarapés de Santa Rita (400); alem destes logares existe esta tribo no alto Jacurapá, affluente da margem direita do baixo Içá (300), em ambas as margens e nas ilhas do Solimões até o Jundiatuba (400) e, espalhada, ainda mais abaixo e no proprio Içá. O numero dos Tukunã brasileiros passa portanto de 2.000. Além da fronteira onde habitam especialmente nos rios Atacuári e Amacayácu o seu numero é talvez de uns 1.000, de maneira que o total da tribo vae a mais de 3.000 cabeças.

No Novembro de 1929, ~~passando~~ 15 dias entre os Tukuna estabelecidos nos Igarapés Preto e Belém e no Lago Cajary. Visitei mais um bom numero de sitios desta tribo nas margens do Solimões e recebi durante a minha permanencia nos barracões Belém e São Jeronymo diariamente as visitas de familias de indios.

Constituição physica: É gente de estatura media. Os traços physiognomicos são grossieiros; rostos passavelmente bonitos são raros. A abertura dos olhos é frequentemente obliqua. O nariz é saliente, o vomer convexo e a ponta bem desenvolvida. As zygonas são largas e salientes, o prognathismo é sensivel, o mento acha-se fracamente desenvolvido. Os labios são bastante grossos, os dentes muitas vezes em mau estado. Os cabellos são grossos, lisos e pretos, na infancia muitas vezes arrulvados. A barba é fraca e muitas vezes falta por completo, mesmo em individuos idosos.

O estado sanitario parecia no Igarapé Preto excellente; doenças venereas são deaconhecidas; malária só apparece em casos avulsos e é sempre adquirida fóra, no serviço da extracção de madeiras, no Javary. Impressão menos favoravel causam os indios do Igarapé de Belém, provavelmente em parte em consequencia do alcoolismo: São em geral mais fracos e de um aspecto um pouco degenerado; o purupuru preto do qual no Igarapé Preto só vi 2 ou 3 casos é no Igarapé de Belém muito comum.

Caracter e moral: O traço mais notavel no caracter destes indios é a sua indole mansa e pacifica, mesmo submissa. Não me consta terem elles jamais reagidos com violencias contra os numerosos abusos dos civilizados a reacção delles consiste unicamente em se retirarem fóra do contacto com aquelles que não lhes convêm, "fugindo", como dizem os seus patrões, para as cabeceiras dos Igarapés e os centros da terra firme onde não ha probabilidade de serem mais molestados. Ainda hoje soffrem pacientemente a tutela dos donos de barracões que decidem ao seu belprazer sobre os destinos dos indios, espzinhando, concierte ou inconcientemente as suas inatuições religiosas e sociaes.

Depois de dissipado o medo que o civilizado estranho lhes inspira são amaveis e hospitaleiros, e sempre respeitadores e modestos em extremo; Nunca importunaram-me com pedidos. A sua honestidade é notavel; experimentei-a por diversas vezes; no entanto os civilizados de Belém queixam-se de pequenos furtos committidos pelos indios. Nunca notei levandade no comportamento das moças e mulheres que são conhecidas pela sua fidelidade conjugal. Os mestiços são entre os

Tukuna raríssimos. Só vi quatro índias prostitutas em Belém das quais se serviam os índios trabalhadores do estabelecimento. Não mantinham relações com civilizados, e o seu comportamento não dava em vista.

O vício peior dos Tukuna, quasi o seu unico é a embriaguez. Frequentemente fabricam em suas casas potes cneios de bebidas alcoolicas feitas de peijú de mandioca (paykuarú), de macaxera (caçuana) e de milho (chick). Bebados, tornam-se insolentes e perigosos dando-se ás vezes ferimentos mais ou menos graves nos conflictos que se estabelecem durante da intoxicação. Não são viciados no uso do tabaco: quasi só se vê os fumar á noiteinha! O uso de mascar coca parecem ter abandonado hoje, pois só se referem a elle nas suas lendas.

Organização social: A tribu Tukuna é composta de 19 (ou mais?) "Keá" (clans, parentellas), cada um por sua vez composto de grande numero de famílias. Estes Keá são divididos em dois partidos (phratrias) estrictamente exogamicas; os filhos pertencem ao Keá paterno.

- 1ª phratria:
- Nayá (Saubá)
- Ái (Onça)
- Aru (Auany, arvore)
- Nái (Pau)
- Téma (Mirity)
- Cáá (Acapú)
- E (Genipapo)

- 2ª phratria:
- Táu (Tucano)
- Tuyuyú (Tujujú)
- Mxmutum Aiwáru (Urumutum)
- Káurê (Japihy)
- Náí (Arára vermelho)
- Nyngá (Mutum fava)
- Bari (Japó)
- Káwa (Maguary)
- Náua (Soó)
- E/éa (Urubu rei)
- Dyawirú (Jaburú)
- Máya (Mutum pinima)



Esta divisão e a resultante exogamia conservam mesmo os Tukuna já mais civilizados das margens do Solimões, oppondo a toda transgressão que a arbitrariedade dos seus tutores lhes queira impôr o argumento tenaz "Tupána fica zangado".

Cada clan tea os seus nomes pessoasos proprios e a sua pintura característica pela qual se distingue nos dias de festa.

Qualquer organização politica hoje não existe mais. São divididos em bandos conforme o seu habitat nos diversos igarapés. Estes bandos mantem entre si pouca comunicação e, ás vezes, vivem mesmo em certa desconfiança uma contra a outra. Os seus patrões collocados em barrações na bocca dos igarapés habitados pelos índios, monopolizam todo contacto com elles e os determinam a seu criterio e interesse. Os actuaes "capitães" dos Tukuna são meros interpretes, pobres diabos condemnados a mentir aos seus compatriotas da tribu para agradar aos patrões, e a estes para se reconciliar com aquelles.

Festa da puberdade: Á primeira menatruação a moça é reclusa num quartinho feito de palha na parede da casa paterna. depois levantam para ella uma especie de curral de paxiubas pintadas, tambem no interior da casa dentro do qual ella se demora invisivel aos demais até o dia da festa que a restitue ao convívio social como mulher feita. Nesta occasião ella se apresenta toda pintada de preto, com uma coroa de pennas da cauda do arára na cabeça, o corpo coberto de pennas de tucano que pendem dos hombros em enfiadaa, os braços e as pernas cingidas de ligas de algodão enfeitadas com pennas, muitos collares no peçoço e uma tangá de turury nos quadris. É esta festa composta de uma serie de actos symbolicos e significativos, notando-se especialmente o apparecimento de um numero de dançadores mascarados representando animaes e demônios. As mascaras são vestimentas completas de turury pintado, com medonhas carancas pretas com grandes narizes, dentes arregançados, orelhas gigantescas e olhos de pedacinhos de vidro. O demônio do vento, ama apparece munido de um enorme phallo de meio metro de comprimento por 10 cm de diametro. Algumas destas mascaras carre-

aos substantivos e adjectivos como costuma acontecer nas linguas da familia Aruak. Contem pelo systema quinar em que vao com difficuldade até 20.

Mesmo entre os homens da tribu Tukuna os que conhecem alguma coisa do portuguez foram uma minoria insignificante.

Lista de palavras (extrahida do vocabulario mais extenso do autor).

- Signaes diacriticos: ' :accento tonico. " :nasal. ° :guttural. ~ :vogal longa. ^ :vogal breve.
- ˆ :entre a e o. ˘ :entre u e o. Um verdadeiro o não existe. ˜ : entre a e e, ˚ : entre e e i.
- ç :ch castelhana
- g :sempre guttural, mesmo ante de e e i
- h :n(g)
- r :sempre palatal, mesmo no inicio
- w :como em inglez.
- y : idem.
- /: fechamento da fenda da glotte.



Cabeça (çau-)šru	Arara ñaí
Olho (çau-)šti	Mutum ñy/nã
Mariz (çau-)rã	Jacaré kãya
Orelha (na-)šiní	Sucuriyú dyáí
Bocca (çau-)a	Peixe çãí
Dente (çau-)pyta	Pau nãí
Lingua (ç-iri-)kãq	Mandioca ąwa
Cabello (çau-)dyãë	Milho çawí
Mão (çau-)më	Algodão tí
Pé (çã-)kutí	Tabaco pãri
Sol ãaké	Homem dyatí
Lua tawãmaké	Mulher ñë
Estrella š/ta	Criança bŷa
Chuva pykí	Fae (çau-)nátí
Fogo ší	Mãe (na-)ë
Terra waiřna	Casa í
Pedra ñŷta	Rede nãpa
Macaco taikirë	Panela byštërë
Onça ší	Machado dyéma
Vendo dyãwë	Carauatãna íë
Anta nãkí	Arco wŷrá
Urubú nuruku	Flecha dë/në

F

minha mão ča-mě
tua mão ky-mě
a mão delle nq-mě
a mão della ñq-mě
nossas mãos tq-mě
vossas mãos pě-mě
as mãos delle ñq-mě
as mãos dellas ñq-mě

- 1 wīi
- 2 tārē
- 3 tamái-pi
- 4 ägémaki
- 5 wīi-mě-pi
- 6 nemeere-wīi
- 7 nemeere-tārē
- 8 nemeere-tamái-pi
- 9 nemeere-ägémaki
- 10 tĕ-mě-pi
- 11 ta-kuti-were-wīi
- 15 wīi-kuti-yagū
- 20 tĕ-kutě-pi

vermelho dju
azul dygu
branco šq
preto wāi
grande ta
pequeno ira
dormir na-pě
matar tiimá/
beber dyašai
comer na-šibe



Belém do Pará, 10 de Dezembro de 1929.

Ant. Simões de Sá

X

panhar peixes. Muitos peixinhos entraram e criaram-se dentro do curral comendo a massa. Es tando elles já grandes Dyai pegou do anzol, pon do por isca uma pedra. Todos os peixes que elle puxou transformaram-se em porcos; por isso estes tem a dentadura forte como pedra. Depois com a isca de milho verde puxou outros, e estes se transformaram em indios Tukuna: porisso tem estes dentes pouco resistentes. Depois experimentou por muito tempo debalde puxar seu irmão. Finalmente entregou o anzol a Tëčariui: "Veja si tu es capaz de puxar o teu maxo!" E imediatamente Ipi pegou na isca, deixou-se puxar para a terra e tomou sua figura primitiva. Dyai então entregou-lhe o anzol para que puxasse também a gente delle, mas Ipi matou imediatamente todos os peixes que puxava sem lhes deixar tempo para tomar forma humana. Dyai teve de instruí-lo como devia proceder, e então, com

isca de macaxera Ipi puxou os Cocâmas e demais índios do Amazonas peruano. Finalmente fez Dyai do resto do bagaço os negros.

Depois disto os dois irmãos brigaram por causa da divisão da terra. Queria Ipi descer com a gente delle para o Oriente, como de facto foi. Mas estando elle dormindo Dyai virou a terra, e assim Ipi ficou sempre do lado do Poente e Dyai do lado do Nascente como elle queria. Lá, muito longe elle habita até hoje num logar chamado Maruapi. Também Nutapa e Tëçariui estão lá com elle, mas homem nenhum pode chegar lá. Em tempos antigos alguns conseguiram avistar Maruapi de longe, mas aproximando-se viam tudo transformado em arbustos cobertos de flores.

Dyai é o pae da nação Tukuna, é "tupana", é Deus; Tëçariui é Nossa Senhora.

Naturalmente os Tukuna tinham a princípio como outras tribus os seus pagês. Hoje estes "não existem mais" - por ordem expressa e terminante dos patrões que não admittem que pessoa alguma afôra delles mesmo exerça qualquer influencia sobre os indios. Que esta não-existencia porem não é para se tomar muito a serio prova o facto ocorrido ha poucos annos quando dois Tukuna, depois de uma lucta desesperada mataram um outro indio suspeito de ter causado com os seus feitiços a morte de varias creanças. O cadaver do feiticeiro foi despedaçado e os destroços atirados ao rio, não tanto por excesso de crueldade como pensaram os civilizados como provavelmente para aniquilar com o corpo do feiticeiro tambem a sua alma, julgada perigosissima depois da sua morte.

Os antigos Tukunas parecem ter usado o enterro sekundario em urnas como provam os restos de um vaso cheio de ossos que encon-

trei na rua do barração de Belém. Hoje sepultam os seus mortos nos cemeterios christãos. No dia de finados costumavam até pouco tempo depositar nestas sepulturas grande quantidade de comidas e bebidas até que tiveram de convencer-se que estas dadivas eram em unico aproveito do pessoal do barração.

A religião dos Tukuna não conhece nem céu nem inferno. Identificam a alma com a sombra acreditando que depois da morte todos, bons e maus indistinctamente continuam nas vizinhanças do logar onde habitavam, apparecendo às vezes, mas só de noite, á vista dos vivos. Do "miseravel dogma de metempsychose" que segundo o Ouvidor Ribeiro Sampaio os Tukuna professam não achei indicio, e nem tampouco da idolatria da qual os accusa aquelle mesmo autor que tomou mascaras de dança por idolos.

Moradias: Moram estes indios em casas na sua maioria isoladas e situadas nas margens dos cursos de agua maiores ou em distancia destes em pequenos igarapês no centro. Às vezes reúnem-se algumas familias (filhos e generos) na casa paterna ou constroem casas separadas mas a pequena distancia, formando porém nunca agrupamentos superiores a quatro. A comunicação é em canoa por agua, e por terra por meio de caminhos estreitos e mal conservados. A forma antiga da casa era oval, hoje porém quasi todos adoptaram a forma rectangular das casas dos civilizados. Raras vezes usam de paredes de paxiuba. Sempre ha debaixo da cumieira um espaçoso girau ao qual se sobe por meio de um motã e onde dormem as moças. Para os paes da familia e as crianças menores existe outro grande girau ha meio metro acima do chão. Nestes giraus dormem sobre pedaços de turury,

e dentro dos mosquiteiros que todos possuem. As suas redes só servem para o descanso durante o dia. Há nestas casas quasi sempre um ou dois bancos compridos alem de um numero de pequenos banquinhos de estylo primitivo de apenas uns 10 cm de altura. Frequentemente encontra-se mascaras de dança já velhas e estragadas, amarradas aos esteios da casa e, pendendo da cumieira pacotes de vestimentas de mascaras e outros apetrechos de dança. Alguns potes enormes pintados de vermelho sobre fundo branco para as bebidas alcoolicas, cestos redondos para carregar, patuãs de diversos tamanhos, tochas de cicantan, roupas e armas completam os detalhes do interior.

Nunca cozinham dentro da casa de morada mas sempre em um rancho separado ha 20-100 passos de distancia onde se encontra tudo o necessario para o fabrico da farinha

e o preparo da comida alem dos potes com agua cobertos com cuyas. Nem lâ nem câ existem giraus para depositar objectos de uso: tudo é mettido na palha da coberta ou pende de ganchos de pau amarrados nos caibros. Ao lado da cozinha estão os moquens sobre quatro forquilhas ou em forma de tripez, um grande filtro afunilado forrado com folhas para massa de mandioca, a armação para o tipity e um coxo com uma pesada taboa em forma de meia lua que lhes serve de mō, pois desconhecem por completo o pilão. No mais pertencem a um estabelecimento Tukuna completo um gallinheiro e um defumador, pois todos se empregam com mais ou menos dedicação ao fabrico de borracha.

As casas são soffrivelmente limpas. Existem sempre diversas vassouras com as quais varrem casa e terreiro. Não sente nenhum mau cheiro nas habitações, e não existem parasi-

tas afora dos piolhos que os Tukuna costumam comer. A praga dos mosquitos e maruins é porrem em alguns pontos horrivel.

Vestimentas e enfeitos: É notável o apego dos Tukunas à vestimenta civilizada. De 4 annos para cima andam em geral todos vestidos; só no Igarapé Preto vi algumas mulheres nuas da cintura para cima. Os homens não usam de nenhum enfeito a não ser a pintura de genipapo (nunca de urucú!) que entre as mulheres é mais frequente ainda, mesmo entre as mais civilizadas. Mulheres e crianças e especialmente moças usam de um ou mais collares de contas de vidro que ellas muito apreciam, de fructas pretas, pedacinhos de ossos, dentes de animais etc. Criancinhas usam nas munehas aneis pretos de tucum e nelles pendurado as vezes algum dente ou unha de animal. Enfeitos de pennas só usam as moças na festa

da puberdade.

De deformações do corpo só vi a perforação do lobulo da orelha no sexo feminino que e festejada solememente, e o costume em ambos os sexos de aguçar os incisivos superiores. Do antigo costume da incisão do prepucio e da excisão das labia minora nem lembrança mais persiste.

Instrumentos de musica: Vi poucos.

O maracã de cuyeté é lhes inteiramente desco-
nhecido. Em seu logar usam de ligas com cas-
cas de fructas sonnantes (da arvore Auahy) a-
baixo do joelho quando dançam, ou amarradas
em bastões (os mascarados). Existem flautas
de Pan e gaitas com 4 furos para os dedos so-
prados pela ponta. Os tambores que usam são
de construcção moderna, são porem tangidos com
uma só baqueta. O instrumento de musica mais
caracteristico desta tribu é porem a uaricãna,

uma corneta ligeiramente conica formada por
 uma casca de pau enrollada em espiral. A que
 eu vi tinha metro e meio de comprimento, po-
 rem informaram-me que para as suas festas fa-
 ziam dellas de 3 - 4 m de comprido com as
 quaes vão pelos igarapês e pelo Solimões to-
 cando para convidar os membros da tribu.

Lavoura e criação: Os Tukuna pos-
 suem uma lavoura regular. As plantações estão
 sempre a pequena distancia das moradias. Plan-
 tam sobre tudo a mandioca, a macaxera e o mi-
 lho, depois tambem ananáz, melancia, jurumum,
 carã, batatas, canna, pimenta, e algodão; nun-
 ca vi feijão de qualidade alguma. Ao redor
 das suas casas existem arvores fructiferas co-
 mo pupunheiras, mangueiras, limoeiros e mesmo
 alguns pequenos cafêzaes. Dos productos da sua
 lavoura exportam a farinha d'agua em regular
 quantidade. Esta industria porem não me pare-

ce ser original nesta tribu porquanto affirma a sua tradiçãõ que antes da chegada dos civilizados sãõ empregavam a mandioca na forma de beijũs, e ãõ de notar que na lingua Tukuna nãõ existe palavra propria para a farinha d'agua que designam com o termo ui tirado da Lingua Geral.

A criaçãõ destes indios limita-se quasi exclusivamente a de gallinhas para as quaes constroem perto das casas gallinheiros bem feitos: vi um que tinha atãõ uma varanda ! Possuem cachorros em numero regular e gostam de criar os filhos de toda espãõcie de animaes selvagens: vi nas casas delles porcos do matto, tamanduãas, cutias, macacos, lontras e especialmente grande quantidade de pãssaros soltos. Nãõ maltratam os seus xerimbabos mas vendem-os facilmente.

Caça e pesca: Os Tukuna que habitam mais pelos centros da terra firma sãõ em geral bons caçadores o que provam ãõ primeira vista as grandes enfiadas de craneos de antas,

porcos, pacas, cutias, macacos e de esternos de passaros que pendem dos caibros das suas casas. Não usam mais o arco para caçar que substituíram pela espingarda. Também a carauatãna está já cahindo em desuso. Assim foi que no Lago Cajary já não encontrei mais nenhum exemplar desta arma, e no Igarapé de Belém si existiam ainda algumas não havia mais ninguem que possuisse veneno para as flechinhas.

No Igarapé Preto conheci ainda dois indios tidos como bons fabricantes de curare. Assisti á fabricaçãõ deste veneno que é composto exclusivamente de substancias vegetaes sendo o seu principal componente a infusão filtrada da casca raspada de um cipõ que chamam gürë. Adicionam a esta mais a da raspagem de duas outras cascas de pau e de uma batata ralada que plantam nas suas roças. O liquido filtrado tem uma cor amarellada e é condensa-

do por meio de fogo muito lento, derrubando um sedimento escuro que de quanto em quanto é retirado. É um trabalho que leva diversos dias e exige a atenção constante do fabricante.

O chuço de ponta envenenada (curaby) quasi já não se encontra mais; vi porem umas lanças de marajá com a ponta feita na propria haste que usam na caça às onças e outros animais pesados.

A pesca é executada por meio de tapagens, envenenamento da agua com timbô, com a flecha de duas a cinco pontas de ferro, a sararãca e o arpão. O arco dos Tukuna é chato do lado de fóra e redondo pelo lado da corda; é muito alto mas flexível. As flechas são de cana braba e, mesmo sendo para a pesca, as vezes munidas de uma emplumação tangencial amarrada sô nas duas extremidades. Todas as pontas são hoje de ferro e sô a custo consegui ainda uma de

osso bem trabalhada. Mas mesmo para a pesca o arco e a flecha estão cahindo em desuso.

As embarcações dos Tukunas são hoje uns cascos abertos a fogo e providos de um par de falcas e de rodella de popa e de proa. Os remos tem uma cabeça transversal e uma pá redonda que termina em ponta. Sempre a cabeça e a pá são tintas de preto ficando o cabo na sua cor natural. Nunca usam varas para empurrar a embarcação.

Os indios do Lago Cajary e os das margens e ilhas do Solimões são bons pescadores e vendem regular quantia de pirarucú.

Industrias primitivas: As mulheres tukunas são boas louceiras. Potes, panellas e pratos ellas não só fabricam para o seu proprio uso mas ainda fornecem estes artigos aos civilizados. Fazem também fornos para torrar farinha, com beira levantada. Os ralos antiga-

mente eram feitos de pontinhas de pedra engastadas numa taboa; hoje usam em lugar da pedra pontas de prego. As cuyas são cobertas de um lacre preto pelo lado interior e apresentam as vezes ornamentos gravados do lado opposto. A arte de tecer com talas produz tipitys, peneiras, cestos de carregar e cestos com tampa de varios tamanhos que tambem vendem aos civilizados. Os seus abanos nunca são de tecido mas sempre formados por uma aza de passaro (mutum, jacu).

Não conhecem o puçã para pescar mas fazem de fios de tucum umas redes em forma de saccos rectangulares em que guardam os seus objectos. Do mesmo material fazem umas patronas muito bonitas e as suas maqueiras que apresentam bonitos ornamentos formados por fios pretos ou de côr; como não dormem nellas são em geral muito pequenas para o nosso uso. Em tudo empregam o fio de tucum torcido na coxa ou na

barriga. O emprego de algodão entre elles é diminuto limitando-se ao que me parece, às ligas usadas pelas moças. Uma inovação formam as colheres de pau muito bem esculpidas e as vezes de enormes dimensões. Designam-as com o nome portuguez corrompido: kuyêra.

Relações com civilizados: a.) Belém.

A propriedade Belém produz borracha e assucar e cachaça. Para esta última industria ella dispõe de canaviaes de regular extensão. Tanto num como noutro ramo o trabalho é feito quasi exclusivamente por indios Tukuna. O arrendatario organizou para este fim diversas turmas de trabalhadores que depois de certo tempo são substituídas umas pelas outras, voltando os que trabalharam para os seus lares. Poucos indios são empregados effectivos do estabelecimento. O recrutamento da nova turma produz-se com facilidade devido ao genio manso e submisso destes

índios, e sô alguns estabelecidos no alto Taca
 na parecem às vezes obedecer com certa reluctancia.
 O tratamento durante o trabalho não é mau. O
 arrendatario não permite que os seus encarre
 gados tratem os índios com aspereza e impõe res
 peito às familias delles, sob pena de demissão
 imediata e responsabilidade pelo prejuizo re
 sultante de um conflicto. Que a sua condescen
 dencia com os pequenos defeitos dos seus traba
 lhadores índios é um facto prova sobretudo a
 visivel indignação dos civilizados quando se re
 ferem a esta orientação do patrão que lhes pa
 rece exagerada e injusta. A diaria dos traba
 lhadores é de 3\$000 mas se reduz a uma ninha
 ria devido aos preços elevadissimos das merca
 dorias. Os índios com raras excepções não de
 vem ao barracão e no fim da quinzena recebem
 lá o seu pequeno saldo que tiverem em mercado
 rias. Desconhecem o dinheiro que usam unicamen

te como enfeito, perfurando as moedas e enfiando-as nos seus collares. Mal recompensados, comtudo não lhes faltam as mercadorias mais necessârias: Todos elles, mesmo as crianças possuem roupas; mosquiteiros existem em numero sufficiente e não notei falta de ferramentas agricolas.

Os males que o trabalho no barracão causa aos indios tem a sua origem muito menos na pessoa do seu actual patrão como no caracter do estabelecimento, pois são as consequencias funestas do industrialismo em geral e do alcool. Este último é sem duvida o peor e os seus effeitos dão immediatamente na vista: Comparados com os indios do Igarapé Preto onde a cachaça só apparece excepcionalmente e em diminutas quantidades, os do Igarapé de Belém causam a impressão de fracos, menos sadios e degenerados. Notei com enorme satisfacção o esforço do actual patrão ao reduzir ao menos

possível as rações de cachaça, contrariando mesmo com isto profundamente os índios que se queixaram a mim que no tempo de seu antigo patrão, o finado snr Romualdo Mafra eles recebiam a cachaça a vontade quanto o seu actual patrão se mostrava cada vez mais mesquinho. Naquelles tempos eram frequentes as desordens sangrentas entre os índios, tanto no barracão como dentro do seu igarapé em consequencia da cachaça, quanto hoje já se dão raras vezes.

O outro mal que o trabalho prolongado no barracão causa é que afasta a mocidade masculina do convívio da tribo em geral e da vida familiar em especial. Como o trabalho não é excessivo, a comida abundante e a ração de cachaça garantida, muitos rapazes costumam-se à vida de trabalhador solteiro preferindo-a aos cuidados que a constituição de uma família lhes imporia.

Outra calamidade consiste na intervenção do patrão na vida particular dos índios e nos seus costumes sociaes e religiosos, á qual o patrão se julga com direito para augmentar-lhes a productividade industrial. Romualdo Mafra chegou a prohibir as festas da puberdade porque desviavam os índios dos seus trabalhos de seringueiros. O actual patrão não vae até tal absurdo mas exige-lhes que peçam para este fim como para a celebração de qualquer outra cerimonia, licença previa, fixando elle a data da festa para uma epoca que melhor lhe convier e aos seus negocios, sem o menor respeito ás leis religiosas dos índios que prescrevem a celebração em epocas astronomicamente determinadas.

Outra intervenção descabida consiste na intervenção do patrão na constituição da familia do indio, isto é na pretensão de que

rer lhes prescrever si devem casar-se ou não e com quem, sempre de accordo com os interesses do estabelecimento para o qual trabalham mas desrespeitando a organização social dos indios exposta em capitulo anterior deste relatorio e que regula os seus casamentos pela divisão em clans e phratrias exogamicas.

b) São Jeronymo. - Em S. Jeronymo , propriedade do snr Manuel Mafra notei immediatamente com grande satisfacção a cordialidade e existente entre a familia do patrão e as dos indios. Muitas vezes encontrei a sala da casa de morada cheia de mulheres e crianças indias que se agrupavam nos bancos e no soalho ao longo das paredes, e no meio dellas a dona e as filhas da casa, todas na maior harmonia. Em Belém cujo arrendatário é solteiro, falta este quadro attrahente.

Como na propriedade S. Jeronymo não existe lavoura, os indios são exclusivamente se

ringueiros e lavradores por conta própria, fabricando especialmente a farinha de que o barracão necessita. Certo número de homens acompanha o patrão na extracção de madeiras no Rio Javary, trabalho este que me pareceu ser lhes bastante prejudicial apesar do ganho ser melhor, pois facilmente adoecem naquelle rio insalubre começando a levar o flagello do paludismo ao Igarapé Preto, até então invejavelmente sadio. Durante a minha prolongada estada no Igarapé Preto e em São Jeronymo nunca senti nem o cheiro sequer da cachaça.

Devido á convivencia com a familia do patrão os indios do Igarapé Preto são mais confiantes e menos timidos que os do Igarapé Belém. Conservam melhor que estes os seus usos e objectos primitivos e são em geral mais pobres. Comtudo acho as suas condições preferíveis aquellas dos indios de Belém. Basta para provar isto a quantidade grande de crian-

ças sadias numa porcentagem como até então nunca tinha observado entre tribu alguma. Pelo facto de serem menos humilhados (Em Belém grandes e pequenos costumam beijar as mãos ao branco!.) e mais independentes um pouco gozam entre os outros donos de barracões da fama de rebeldes e indisciplinados, qualidades estas das quaes nada pude perceber na convivencia delles comigo e com os seus patrões.

c.) A missão religiosa. - Em viagem ao Solimões fui companheiro de dois missionários capuchinhos: Fr. Domingos, um velhinho bondoso e sympathico, intelligente e estudioso, o outro, Fr. Antonino, sabendo que me dirigia aos indios Tukuna, saltou-me na frente com a affirmação de que nada conseguiria, primeiro porque os proprietários haviam de vedarme a entrada e depois porque os indios eram "uns bichos! uns verdadeiros animaes!" (sic. Fr. Antonino). Á vista de tal juizo que os missio

narios fazem dos indios não é de admirarmuito que elles nunca tenham tentado coisa alguma em be nefício delles. Limitam-se de ir de tempo em tempo aos estabelecimentos acima referidos on de os pobres "bichos" que tem pelos religio- sos uma profunda veneração se reúnem promptamente á noticia da chegada delles, para bap- tizar e cazar todos que pelo bestunto do pa- trão se acham em condições para tal, correndo as despesas por conta dos donos dos barracões que vêm nisto um meio seguro para o seu pre- dominio sobre os indios. Nenhum Tukuna recebe o mais ligeiro ensino religioso.

Tiveram porem o desplante de obrigar os indios do Igarapé Belém por intermedio do seu patrão a simular ad hoc uma cerimonia da pu- berdade o que muito contrariou os ditos in- dios. Esta comedia foi filmada e photographa- da por um profissional que os frades levaram para esse fim, sendo o resultado remetido pa

ra a Exposição do Vaticano em Roma, naturalmente para demonstrar o zelo dos missionários da Prelacia do Alto Solimões junto dos índios pagãos.

d.) O Serviço de Protecção aos Índios.

Muitos civilizados da zona sōmente conhecem o SPI de nome e por tendenciosas informações ⁽²⁾, os índios nada absolutamente sabem da existência d'elle. O delegado do SPI ao qual compete a vigilância da zona em questão, o snr Mirandoli no Caldas em Tupy goza de geral estima entre a população, mas nunca vae áquelles centros, nem os índios de lá vão ter com elle nem toma elle conhecimento das relações dos índios com os seus patrões. Consta-me que o snr M. Caldas tem na sua propriedade Tupy um numero de famílias de índios hoje já bastante limitado que

vivem em condições de agregados.

A língua: P. Rivet no seu estudo: *Afinidades do Ticuna*. Journal de la Société des Américaniste de Paris, iX.1912) classificou a língua Tukuna na família linguística Aruak. As provas para tal classificação parecem-me no entanto bastante fracas. Mais claras são as relações de parentesco com a língua hoje extinta dos índios Yuri, ex-habitantes do curso inferior do Rio Yapurá, parentesco que não só se manifesta lexicologicamente como também gramaticalmente no systema pronominal e para o qual o próprio Rivet já chamou a atenção.

Phoneticamente a língua Tukuna caracteriza-se pela frequência de vogaes gutturaes (a, e, i, u; um verdadeiro -o- falta), pela ausência de conjunções de consoantes e de todos sibilantes (s, z, ch, j), pelo final exclusivamente vogal e por um som produzido pelo momentaneo fechamento da fenda da glotte (o."/ do meu

vocabulário).

O systema pronominal parece extremamente simples, empregando-se a mesma serie de pronomes como pessoas, possessivos e para a conjugação dos verbos. Para a terceira pessoa existem formas differentes para o masculino e feminino distincção esta que não se parece entender porem aos substantivos e adjectivos como custuma acontecer nas linguas da familia Aruak. Contam pelo systema quinar em que vão com difficultade até 20.

Mesmo entre os homens da tribu Tuku-na os que conhecem alguma coisa do portuguez formam uma minoria insignificante.

Lista de palavras (extrahida do vocabulario mais extenso do autor). Signaes dia criticos: ´:accento tonico. ~:nasal. . :guttural. ¨:vogal longa. ˘:vogal breve.

a entre a e o. u: entre u e o. Um verdadeiro o não existe. ë: entre a e e, e entre e e i.

č: ch castelhano

g: sempre guttural, mesmo ante de e e i

ñ: n (g)

r: sempre palatal, mesmo no inicio

w: como em inglez.

y: idem

/: fechamento da fenda da glotte.

Cabeça (čau-) ěru

Olho (čau-) ěti

Nariz (čau-) rã

Orelha (na-) čini

Bocca (čau-) a

Dente (čau-) puta

Lingua (č-iri-) kãņę

Cabello (čau-) dyäë

Mão (čau-) mē

Pé (ča-) kuti

Sol iakę

Lua tawémakę

Estrella	ẽ/ta
Chuva	pukĩ
Fogo	ęĩ
Terra	waiĩma
Pedra	ñũta
Macaco	taikĩrẽ
Onça	ãi
Veado	dyãwẽ
Anta	nãki
Urubũ	nuruku
Arãra	ñai
Mutum	ñu/nã
Jacaré	kaya
Sucuriyũ	dyãi
Peixe	čai
Pau	nãi
Mandioca	awa
Milho	čawi
Algodão	tĩ

Tabaco	pāri
Homem	dyati
Mulher	nē
Criança	būa
Pae	(čau-)nāti
Mãe	(na-)ë
Casa	ĩ
Rede	nāpa
Panella	buētērē
Machado	dyuēma
Carauatāna	ĩē
Arco	wurā
Flecha	dē/nē

minha mão	ča-mě
tua mão	ku-mě
a mão delle	na-mě
a mão della	ne-mě
nossas mãos	ta-mě
vossas mãos	pě-mě
as mãos delles	na-mě
as mãos dellas	ne-mě

- 1 w̄i
- 2 tārē
- 3 tamāi-pi
- 4 āgēmaki
- 5 w̄i-mě-pi
- 6 nemeere-w̄i
- 7 nemeere-tārē
- 8 nemeere-tamāi-pi
- 9 nameere-āgēmaki

- 10 tā-mē-pi
 11 ta-kuti-wēre-wīi
 15 wīi-kuti-yagū
 20 tā-kutē-pi

vermelho	dāu
azul	dyāu
branco	ča
preto	wāi
grande	ta
pequeno	īra
dormir	na-pe
matar	tiimā/
beber	dyaāi
comer	na-čibe

Belém do Pará, 10 de Dezembro de 1929

Curt Nimuendaju

NOTAS

- (1) Texto corrigido à mão pelo autor. Constava originalmente: *Em novembro de 1919 passei...*
- (2) Texto corrigido à mão pelo autor. Constava originalmente: *Os civilizados... e por péssimas informações...*

NIMUENDAJU, Curt. Os Indios Tucuna. Boletim do Museu do Indio: Antropologia, Rio de Janeiro (7):1-69, dez. 1977.

CDU 39(81=1-82)Tuc
39(811

MUSEU DO INDIO, Rio de Janeiro.
t

Editado sob o patrocínio do Departamento
de Assuntos Culturais do Ministério da
Educação e Cultura.

Composto e Impresso nas oficinas
do MUSEU DO ÍNDIO